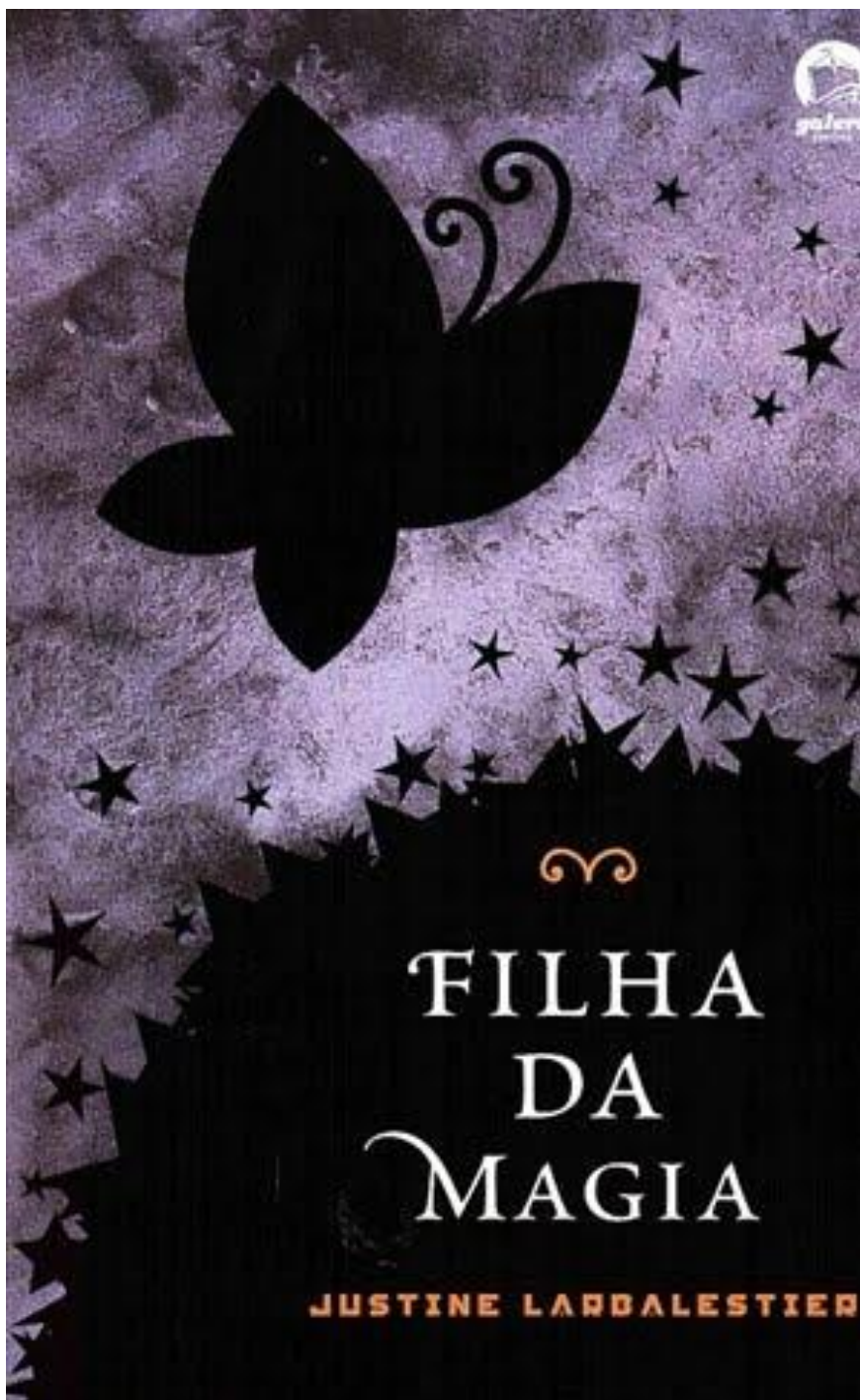




Apresenta:





JUSTINE LARBALESTIER



**FILHA
DA
MAGIA**

Tradução de
RICARDO SILVEIRA



Rio de Janeiro | 2009



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Larbalestier, Justine, 1967-L332f Filha da magia / Justine Larbalestier; tradução de
Ricardo Silveira. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2009. (Trilogia Magia ou loucura; 3)
Tradução de: Magic's child Sequencia de Lições de magia ISBN 978-85-01-08023-3
1. Magia - Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil australiana. I. Silveira,
Ricardo. II. Título. III. Série.
08-4650 CDD - 028.5
CDU - 087.5

Título original em inglês: MAGIC'S CHILD

Copyright 2007 © Justine Larbalestier

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais
da autora foram assegurados.

Design de capa: Carolina Vaz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000 que se reserva a
propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil ISBN 978-85-01-08023-3

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ -
20922-970



Em memória de Jenna Felice (1976-2001) e Marie Wilkinson (1952-2003). Uma de Nova York, a outra de Sidney. Sinto saudades das duas.



1

Razão Cansino

Meu nome é Razão Cansino. Tenho 15 anos, estou grávida e sou mágica.

Poderia voar, se quisesse. Ou transformar chumbo em ouro. Ou meus inimigos em sapos. Ou qualquer coisa, para falar a verdade.

Acho.

Ninguém sabe até onde vai minha magia. Muito menos eu.

Quando pequena, magia era, para mim, a sensação da água correndo pela minha pele ao mergulhar no rio Roper e voltar à tona com um pitu na mão. Eu não fazia idéia de como ele tinha ido parar lá.

Magia.

Sarafina ficava olhando da margem e aplaudia. “Isso! Isso!” E eu sentia tontura e orgulho. Ou o gosto daquele pitu mais tarde, assado fresquinho na brasa, adocicado, e o caldinho escorrendo pelo canto da boca.

Magia era uma chuva que caía sem parar por vários dias depois de anos de seca.

A primeira vez que tomei sorvete.

Histórias dos antepassados contadas ao pé da fogueira.

Vários Fibonacci jorrando sobre meu corpo, abrindo-se numa dança espiralada para o infinito. Uma espiral que eu acompanhava em minha amonite, surgindo no ponto mais minúsculo e se desenvolvendo por todo o sempre.

Antes de vir para a casa de Esmeralda, eu não sabia que magia existia. Agora sei que uma pessoa com magia consegue vir de Sidney para Nova York atravessando uma porta, consegue fazer luz simplesmente com a força do pensamento e fazer aparecer dinheiro do



nada, ou ainda confeccionar roupas que só faltam ter vida própria.

Sei também quanto custa essa magia. Se usar demais, você morre. E se usar de menos, enlouquece. É a opção que há: magia ou loucura. Qual das duas?

Minha mãe, Sarafina, escolheu a loucura.

Minha avó, Esmeralda, a magia.

Meu avô também, Jason Blake, e meus amigos Tom e Jay-Tee.

Cada qual com uma quantidade finita de magia, encurtando suas vidas cada vez que a usavam. Tique-taque. Tique-taque.

Quem pratica a magia não vive muito tempo. Se você usar um pouco apenas, nem mais nem menos que uma vez por semana, será capaz de chegar aos 40 anos; se usar muito, sem controle, talvez nem chegue aos vinte.

Éramos assim eu e Jay-Tee: sem controle sobre nossa magia. Eu, porque não sabia; Jay-Tee, porque não estava nem aí.

Tom era comedido, cuidadoso, porque minha avó lhe ensinara, e porque sentira o gosto da loucura da forma mais amarga. Melhor viver pouco e são, decidiu, que muito e louco, como sua mãe, como a minha.

E, claro, sempre dá para trapacear. Basta encontrar uma pessoa que tenha magia mas não conheça as regras e pedir um pouco da dela. (A pessoa não precisa entender a pergunta, basta dizer que sim.) Use um truque, sugue a magia da pessoa, viva mais tempo. Pegue um pouquinho (ou um montão) da vida dela e acrescente esse tanto à sua.

Tal e qual fizeram meus avós. Foi por isso que minha mãe escolheu a loucura.

Se você tem magia, não pode confiar em outra pessoa que também tenha. Ela vai querer sugar tudo, vai querer roubar a sua magia de forma que você acabe morrendo numa questão de segundos e ela viva para sempre. Ou chegue pelo menos até os cinqüenta.

A magia é uma doença.



Hematomas

Embora minha barriga estivesse cheia de bacon, ovos, cebolas fritas e cogumelos, ainda peguei o quarto rambutã. Enfiei a unha do polegar na grossa casca avermelhada e peluda, abri e arranquei-a toda de uma vez, revelando a fruta translúcida que havia dentro. Dei uma dentada e deixei que o sumo adocicado explodisse na minha boca. Fazer uma coisa tão normal quanto comer evitava que eu entrasse em pânico.

Jay-Tee empurrou o prato para longe. Tinha comido o bacon mas não os ovos.

— O que foi? — perguntou.

— Nada. — Dei uma piscadela. Não consegui virar o rosto bastante rápido para evitar ver quão frágil estava sua magia. Quão perto da morte ela estava.

Fazia menos de 24 horas desde que meu antepassado, que deveria estar morto, Raul Emilio Jesus Cansino, me modificara. Toda vez que fechava os olhos, bastava piscar que eu via magia. Luzes de todas as intensidades pontilhando a escuridão. Toda vez que meus olhos se fechavam, o mundo mágico de luz tinha aumentado, esticado ainda mais.

Meu temor era de que aquilo não fosse acabar. Eu temia o que aquilo significava. Não conseguira dormir ontem à noite e não sabia se voltaria a dormir algum dia.

Acima de tudo, odiava não conseguir enxergar Jay-Tee perfeitamente. A luz de Tom estava forte e clara; a de Esmeralda, estonteante; mas a de Jay-Tee era uma manchinha, mais pálida que a Via Láctea.

— Nada mesmo? — Tom perguntou, me olhando intensamente. — Não parece que não foi nada. — Dei mais uma dentada no bolinho de chocolate. Ele não gostava de frutas.

— É — disse Jay-Tee. — Você está esquisita. Por que você anda com os olhos arregalados desse jeito?



Eu estava tentando não piscar. Meu recorde até o momento era de três minutos. Mais que isso, meus olhos ardiam e lacrimejavam até que as pálpebras se fechavam. E lá estavam as luzes da magia, só me esperando.

— Razão, lá vai você de novo! — Jay-Tee se levantou e caminhou na direção da porta dos fundos. Recostou-se ali e ficou me olhando.

— Desculpe — falei. — Você não está pensando em atravessar a porta, está?

Jay-Tee soltou um riso contido.

— É claro que não. Esmeralda deixou bem claro que daqui não devemos passar. Além disso, não sei onde está a chave.

— Ora, mesmo que soubesse, você não pode. Gastaria muita magia. E você não tem o suficiente.

— Você está dizendo que não posso nem...

A campainha tocou. Jay-Tee se afastou da porta.

— Eu atendo — disse, já partindo pelo corredor —, mas você vai ter de nos dizer o que está acontecendo.

— É — disse Tom. — Não dá para ficar escondendo quando algo assim está acontecendo com você. É uma droga para nós também, sabe? — A porta da frente se abriu com um rangido. — Provavelmente são mórmons ou algo parecido.

Fechei os olhos e Tom era só magia, tão reluzente quanto a porta que dava na cidade de Nova York. Agora já reconhecia a magia dele, sentia sua essência nela. Ele ainda tinha vários anos pela frente. Jay-Tee estava mais para alguns minutos. Quis saber quanto eu ainda tinha. Será que essa nova magia se esgotava do mesmo jeito que a antiga? Jason Blake, pelo jeito, achava que sim, ao menos com relação à magia Cansino que ele e Esmeralda tinham. Eu tinha algo diferente. Raul Emilio Jesús Cansino havia me escolhido. Gostaria de poder enxergar dentro de mim mesma do jeito que os enxergava.

— O que foi? — Tom perguntou. — O que está acontecendo, Razão?

— Nada. Sério. O que são mórmons? — perguntei.

Do hall de entrada chegavam os sons de Jay-Tee conversando com alguém, mas não dava para entender o que estavam dizendo.



— Ah, nem vem! — disse Tom. — Nem vem que você não sabe o que são os mórmons!

Não fazia idéia mesmo. Deixei Tom me encher a paciência dizendo que eu não sabia de nada, embora àquela altura ele já devesse ter se acostumado a isso. Peguei mais um rambutã, desejando que o irmão da Jay-Tee estivesse conosco. Ele não ria de mim; simplesmente me diria o que é um mórmon. Fiquei pensando se Danny ainda gostaria de mim com os olhos vermelhos e lacrimejantes e barriguda, grávida do nosso filho. Como eu iria lhe contar isso?

— Você nunca ouviu falar mesmo dos mórmons?

— Não.

— Razão! — Jay-Tee berrou lá da porta da frente. — É para você.

Coloquei a fruta em cima da mesa, limpei a boca e saí da cozinha pelo corredor. No hall havia uma mulher de jeans e camiseta, cabelos curtos e emplumados, e uma mochila pendurada num ombro só. Estava sorrindo para mim... melhor dizendo, estava radiante em me ver.

Quando pisquei, só havia escuridão onde ela estava.

— Então, você deve ser a Razão. Achei que fosse a Jay-Tee aqui, mas já esclarecemos isso. Não que vocês se pareçam. Exceto pelos hematomas. Vocês duas andaram se metendo em briga?

Jay-Tee levou a mão ao rosto e eu ao olho no mesmo instante. O hematoma de Jay-Tee tinha tons variados de roxo, vermelho e azul, uma recordação da tentativa de Esmeralda para lhe dar a magia de Raul Cansino. Como ela não era Cansino, a magia não pegou.

— Duas brigas diferentes, pelo jeito. Seu hematoma é mais antigo, não é? — perguntou ela, olhando meu rosto mais de perto. Eu quase tinha me esquecido; já fazia alguns dias e a mancha estava diluída em tons esmaecidos de amarelo e marrom. Consegui aquilo mexendo na caixa pesada enterrada no porão, que esbarrou forte no meu rosto quando puxei para arrancá-la do fundo. Lá dentro foi que encontrei o cadáver ressecado de Le Roi, o gato da minha mãe.



A mulher esticou a mão.

Eu a apertei, querendo saber quem seria. Ela percebeu minha expressão e soltou uma risada.

— Sou sua assistente social. Jennifer Ishii.

— Olá — falei, pensando, *Minha assistente social?* Depois me lembrei. Um milhão de anos atrás, quando minha mãe Sarafina enlouqueceu e foi mandada para Kalder Park e eu enviada para a casa de minha avó, Esmeralda, disseram que uma assistente social viria me ver quinzenalmente. Disseram várias outras coisas também. Eu estava tão atarantada que não ouvi nem metade. Embora não fizesse um milhão de anos: tinha acontecido há apenas 12 dias.

Duas semanas atrás eu não tinha um amigo sequer no mundo; agora tinha Tom, Jay-Tee e, lá em Nova York, Danny. Duas semanas atrás, eu não estava grávida. Nem sabia que era mágica.

— Esqueceu que eu viria hoje?

— Hã... — Não sabia ao certo se Esmeralda tinha me dito o dia exato que a assistente social deveria vir me visitar.

— Posso entrar?

— Ah — falei. Tom veio e parou atrás de mim. Jennifer Ishii deu um passo para dentro da casa de Esmeralda e estendeu a mão para ele.

— E você, quem é?

— Tom. Meu nome é Tom Yarbrow.

— E esteve na mesma briga que Razão e Jay-Tee? — ela se inclinou para frente, espiando o rosto dele.

Tom ficou confuso.

— Ah, está falando disto? — ele tocou no curativo do arranhão que arranjava por cortesia do meu avô, Jason Blake.

— É minha assistente social — sussurrei para ele, o que foi uma besteira, pois ela estava bem ali na nossa frente.

Antigamente, antes de saber sobre magia, tudo que eu queria era fugir da minha avó

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

